



ARTIGO
DOI: 10.5216/rppoi.v21.74631
EDUCAÇÃO

TECENDO REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA EM HISTÓRIA POR MEIO DO ESTÁGIO

REFLECTING ON HISTORY TEACHING THROUGH THE INTERNSHIP

REFLEXIONAR SOBRE LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA A TRAVÉS DE LAS PRÁCTICAS

Dinajilas Gomes de Melo Santos¹ - <https://orcid.org/0009-0009-3042-3921>

Cicera Mônica Rodrigues da Silva² - <https://orcid.org/0000-0002-3653-4739>

Resumo

Essa comunicação é construída a partir da experiência adquirida no Estágio Supervisionado IV ofertado no 8º semestre do Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri-URCA. O trabalho objetiva analisar a relevância de tal estágio para a formação profissional do docente em história. Ademais, é colocado em pauta de forma breve questões relacionadas ao livro didático e aporte metodológico utilizado em sala de aula. A pesquisa é de cunho qualitativo (Minayo, 2016) havendo como ferramenta metodológica: o levantamento bibliográfico e as vivências durante o estágio. No que concerne ao referencial teórico é utilizado autores como: Almeida (2002), Braga e Schneider (2012), Bittencourt (2008), Cavalcanti (2016), Carrano (2008), Freire (1989; 2021; 2022), Karnal (2012), Luckesi (2013), Pimenta (2017), Souza e Gonçalves (2012), Schmidt (2011). A base conceitual é voltada para: estágio, ensino de história, formação docente, livro didático e saberes docentes.

Palavras-chave: Estágio. Experiência. Formação Docente. Regência.

Abstract

¹Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC-FUNCAP). Membro do Núcleo de Pesquisa em Ensino, História e Cidadania (NUPHISC). E-mail: dinajilas.gomesdemelosantos@urca.br

²Mestranda em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP); Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Ensino, História e Cidadania (NUPHISC). E-mail: smonicarodrigues882@gmail.com

This communication is built from the experience acquired in the Supervised Internship IV offered in the 8th semester of the Degree in History at the Regional University of Cariri-URCA. The aim of this work is to analyze the transmission of such an internship for the professional training of teachers in history. In addition, issues related to the textbook and the methodological sport used in the classroom are briefly discussed. The research is of a qualitative nature (Minayo, 2016) having as a methodological tool: the bibliographical survey and the experiences during the internship. With regard to the theoretical framework, authors such as: Almeida (2002), Braga and Schneider (2012), Bittencourt (2008), Cavalcanti (2016), Carrano (2008), Freire (1989; 2021; 2022), Karnal (2012), Luckesi (2013), Pimenta (2017), Souza and Gonçalves (2012), Schmidt (2011). The conceptual basis is directed towards: stable, history teaching, teacher training, textbooks and teaching knowledge.

Keywords: Internship. Experience. Teacher Training. Regency.

Resumen

Esta comunicación se basa en la experiencia adquirida en la Pasantía Supervisada IV, ofrecida en el 8º semestre de la Carrera de Historia de la Universidad Regional do Cariri-URCA. El trabajo pretende analizar la relevancia de esta pasantía para la formación profesional de profesores de Historia. También discute brevemente cuestiones relacionadas con los libros de texto y el enfoque metodológico utilizado en el aula. La investigación es cualitativa (Minayo, 2016) y sus herramientas metodológicas incluyen un relevamiento bibliográfico y experiencias durante la pasantía. El marco teórico utilizado autores como Almeida (2002), Braga y Schneider (2012), Bittencourt (2008), Cavalcanti (2016), Carrano (2008), Freire (1989; 2021; 2022), Karnal (2012), Luckesi (2013), Pimenta (2017), Souza y Gonçalves (2012), Schmidt (2011). La base conceptual se centra en: prácticas, enseñanza de la historia, formación del profesorado, libros de texto y conocimiento didáctico.

Palabras clave: Prácticas. Experiencia. Formación de profesores. Regencia.

Data de submissão: 25/09/2023

Data de aceite: 25/10/2023

Introdução

O presente artigo tem como intuito discorrer acerca das vivências como estagiária durante o Estágio Supervisionado IV de Regência, ressaltando a importância do estágio para a formação do docente em história. Ademais, ainda é abordado e problematizado de forma breve questões relacionadas ao livro didático e aporte metodológico utilizado em sala de aula.

O estágio foi realizado na escola de Ensino Fundamental I e II Raimundo Bezerra Lima, localizada no Conjunto Santo Antônio na cidade de Cariri-URCA. A escola atende

ao público do ensino fundamental I no período da manhã e fundamental II no turno da tarde. Atualmente a escola passou por mudanças estruturais e na carga horária para atender as demandas de implantação do ensino em tempo integral contemplado inicialmente nos 9º anos e mais à frente será incluído gradativamente nas demais turmas. Durante o estágio acompanhei três professoras regentes, formadas na área de História. O estágio foi realizado nas turmas dos 6º (“A” e “B”), 7º (“A” e “B”) e 8º (“C”) totalizando 112 alunos nas 5 turmas acompanhadas. A vigência do estágio

ocorreu no período de 11 abril ao dia 31 de maio de 2023.

A disciplina de Estágio Supervisionado IV de Regência é ofertada no 8º semestre do curso Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri (URCA) com carga horária total de 72 horas sendo subdividida: 42 horas para práxis no campo de estágio. E às 30 horas restantes para discussões teóricas, reflexões e diálogos sobre as experiências tecidas ao longo do estágio. Podendo assim complementar e fundamentar teoria à prática.

Esse componente curricular é de suma relevância, pois propicia um elo entre o ensino superior e o ensino básico na perspectiva de elucidar a oportunidade do graduando em licenciatura vivenciar o âmbito e a rotina escolar, agora não mais como aluno ou ex-aluno, mas sim como um docente em formação inicial que busca compreender o espaço escolar, os desafios da profissão e a constituição da identidade profissional. Esse argumento é refletido na ótica de Pimenta:

[...] o estágio pode não ser uma completa preparação para o Magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras. (2017, p.95)

Desse modo, o estágio carrega consigo a função de lócus da prática profissional que auxilia o graduando em licenciatura a desenvolver e/ou melhorar a didática e oratória. Ademais, corrobora com a ratificação da escolha profissional.

Metodologia

O estudo é de caráter qualitativo (Minayo, 2016), havendo uma dimensão subjetiva e empírica relacionada às relações humanas sem a necessidade de quantificar os dados da pesquisa. O mecanismo metodológico é voltado para o levantamento bibliográfico e as tessituras das vivências no campo de estágio. O Estágio Supervisionado IV, segundo a grade curricular do Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri (URCA), se encontra no 8º semestre do curso. As atividades foram realizadas na instituição escolar de ensino fundamental I e II Raimundo de Bezerra Lima na cidade de Cariri - CE.

No que tange ao arcabouço teórico, utilizaremos autores(as) como: Almeida (2002), Braga e Schneider (2012), Bittencourt (2008), Cavalcanti (2016), Carrano (2008), Freire (1989; 2021; 2022), Karnal (2012), Luckesi (2013), Pimenta (2017), Souza e Gonçalves (2012), Schmidt (2011).

O trabalho está estruturado nas seguintes partes: 1- Introdução; 2 - Metodologia; 3 - Experiência metodológica: Que método usar? ; 3.1 - A importância do planejamento na atuação do estagiário; 4 - Livro didático: seu uso e suas faces; 5 - Experiência de estágio: entre aprendizados e transformações; 6 - Considerações finais.

Experiência metodológica: Que método usar?

É chegado o grande momento de iniciar o estágio e junto a euforia, a ansiedade e as dúvidas que entravam em cena, tais como: *qual didática utilizar? De que forma poderia aproximar a realidade dos alunos com o conhecimento histórico? Será que vão entender alguma coisa?* Fui percebendo que necessitava conhecer meu público, parece tarefa quase impossível, mas ao longo das aulas notava a afinidade das turmas com algumas metodologias trabalhadas. Conclui

que precisava reorganizar a prática pedagógica de acordo com as necessidades, os desafios que iam surgindo e o perfil das turmas acompanhadas na tentativa de desenvolver uma práxis reflexiva e inclusiva. Como mencionam Braga & Schneider (2012):

Para que o professor desenvolva uma boa prática pedagógica deve diversificar e usar várias metodologias, fundamentando-as de acordo com as características físicas e psíquicas que correspondem a fase de manutenção do indivíduo, pois do contrário, ocorre o risco de não obter êxito no processo de ensino aprendizagem. (p. 08)

Antes de iniciar o estágio de regência foi realizada a visitação e a entrega da carta de apresentação para a direção da escola e em seguida fiz o acompanhamento observatório nas turmas para conhecer um pouco a dinâmica e metodologia desenvolvida pelas professoras regentes. Ao decorrer dos dias que fiquei observando as turmas, observei que o método de ensino que as professoras utilizavam nas aulas de História era pautado na educação tradicional que vislumbra o aluno como depósito de informações e o docente como protagonista do processo de ensino-aprendizagem (Freire, 2021).

O livro didático era usado em excesso. Desse modo, era exercitado nas aulas a leitura de todo conteúdo com uma breve explicação do tema e em seguida passada uma atividade do conteúdo ofertada pelo livro didático. Outra técnica usada era a sondagem do conteúdo através do exercício de resumir o capítulo do livro, de início não havia explicação sobre o assunto que seria abordado no resumo. Após feito o resumo eram passadas mais atividades sobre o conteúdo e explicações resumidas sobre o tema e na finalização do capítulo era realizado um simulado ou prova sobre o capítulo trabalhado para verificação da aprendizagem. Tornando as aulas cansativas e desestimulantes.

A disciplina de História para a maioria dos alunos é vista como enfadonha e cansativa baseada no método da “decoreba” e sem importância para o tempo presente, sempre vindo à tona as típicas frases: “*para que estudar isso?*”; “*onde vou usar isso?*” ou “*não precisa estudar História se já passou*”. No entanto, é necessário salientar que o conhecimento histórico constitui uma ponte temporal entre o presente-passado-presente na perspectiva analítica de compreender a contemporaneidade.

Quando comecei o estágio ouvi muito os alunos comentarem “ahh não de novo essa aula chata” ... “não gosto de história”. Então a solução era me aproximar das realidades dos alunos, não é tarefa fácil e nem em todas as aulas vai ser possível realizar tal proeza, mas há momentos que a leitura da palavra vem de encontro com a leitura do mundo (Freire, 1989).

Um episódio que ilustra bem esse argumento citado acima foi a aula na sala do 8º ano “C” que tinha como tema: “As Conjurações Mineira e Baiana”. Os principais pontos do assunto foram anotados no quadro e em seguida feito a discussão sempre lançando perguntas sobre o tema na busca de ter mais participação dos alunos. Logo de repente um aluno do “fundão” começa a falar: “o espetinho é cinco reais”. Nesse momento, me surge uma raiva e descrença do que estava acontecendo em plena aula, a tabelação de preço de espetinho? Logo, questiono: “E o que isso tem a ver com a aula de História?” E o aluno envergonhado responde: “nada tia... é porque meu pai vende espetinho e eu passo a manhã ajudando ele”.

Com isso, poderia ter acabado com o papo voltado para o assunto da aula, mas nesse caso poderia perder a oportunidade de adentrar na leitura de mundo do aluno. Foi justamente nesse momento que encontrei um meio de correlacionar o conhecimento histórico com a realidade do aluno. Comecei a questioná-lo: qual a relação existente entre a venda de espetinho e a derrama em Minas

Gerais? Pegando como foco o setor econômico e as questões de classe. Como seria se o ouro fosse trocado por carne quais pessoas teriam direito? Já na figura de Tiradentes que era o encarregado de convidar mais aliados para fazer parte da revolta, peguei como exemplo um influencer digital da cidade metido a repórter que em todo lugar que acontece algo ele está lá pra noticiar. Dessa forma, a aula fluiu com mais entusiasmo de ambas as partes se tornando uma aula mais participativa e descontraída.

Nas discussões durante as disciplinas de estágios na universidade é colocado em pauta o alinhamento entre a teoria e prática pedagógica configurando que ambas tendem a andarem juntas, ou seja, não é somente sobre mediar os conhecimentos históricos curriculares, mas é utilizar da ludicidade, criatividade e do protagonismo do aluno para conduzi-lo a uma aprendizagem significativa com foco para um conhecimento prévio que faça ligação com a realidade deles para que reflita e se identifique com o assunto trabalhado em aula.

Sendo assim, ambos trocam experiências e aprendizagens que nutrem e sustentam o processo de ensino-aprendizado. Segundo Luckesi (2013) tanto o professor como o aluno são seres inacabados em constante transformação e também tendem a ter a capacidade e possibilidade de restauração podendo ser visto a partir da prática pedagógica e da relação educador e educando. O autor ainda lança luz para que possamos enxergar os conteúdos para além de uma formação mecânica identificando os estudantes como possibilidades de construir e desenvolver cidadãos críticos e pensantes.

[...] sejam quais forem os conteúdos, eles deverão estar a serviço da aprendizagem e conseqüentemente, do desenvolvimento do educando. Isso significa, de um lado, que a aprendizagem desses conteúdos devem ser à constituição e/ou restauração o educando como humano individuado e

como cidadão, a serviço de si e do outro. (Luckesi, 2013 p. 45)

Poucos dias antes de iniciar o estágio de regência, a escola onde realizei o estágio estava em reforma para atender às novas demandas de tempo integral nos 9º anos como já explicado anteriormente. E nesse período de reforma que as aulas presenciais foram suspensas e recompensadas pelas aulas remotas. Nesse cenário de aulas online alguns professores sem formação em História acabam por ministrar as aulas. Havendo como consequência futura uma defasagem dos conteúdos entre algumas turmas.

Após o retorno das aulas no mês de abril logo começou o estágio, a priori tive um pouco de dificuldade para selecionar os conteúdos a serem trabalhados, pois até os professores estavam perdidos, visto que nem todos estavam dando suas disciplinas específicas. Depois de algumas conversas com os professores as dificuldades foram cessando.

A importância do planejamento na atuação do estagiário

Quando se está em sala de aula precisamos planejar e refletir acerca das nossas práticas docentes, em um processo contínuo de “reflexão-ação-reflexão” (Almeida, 2002), desse modo, ao se deparar com os conteúdos a serem trabalhados, os estudantes e todo o movimento de ensino e aprendizagem, necessitamos dos planos de ensino. Para Almeida (2002):

No contexto do estágio, é necessário a compreensão de que o plano de ensino só se concretiza considerando-se a realidade da sala de aula e as possibilidades dos alunos. É no plano que se pensa em formas de motivar os alunos, aproveitando os temas de interesse da classe e assuntos que fazem parte do seu cotidiano. (p. 57)

Nesse sentido, vemos que o planejar nos possibilita conhecer melhor as turmas, suas especificidades e que metodologias podem ser mais significativas em cada grupo que compõe a sala de aula. Para tanto, no processo de realização do estágio pude notar a importância de tal ação, desde as etapas de selecionar os conteúdos, dialogar com as professoras regentes, trabalhar em sala com os estudantes e refletir posteriormente acerca dessas ações são de suma importância para uma atuação docente comprometida com seu ofício.

A autora ainda destaca que “um professor sem um plano de aula é como um navegador sem sua carta náutica, à deriva, sem saber onde ir nem em qual porto ancorar” (Almeida, 2002, p. 59). Portanto, observa-se por meio dessas palavras citadas que o planejamento orienta e guia o trabalho docente, buscando sempre objetivos, metodologias e recursos que ajudem na construção de um conhecimento democrático e emancipatório.

Antes de começar as intervenções em sala de aula, os horários foram selecionados com auxílio da coordenadora pedagógica, pois estávamos em dupla, desse modo, mesmo sendo aulas seguidas, cada estagiária dava sua aula sem intervenção pedagógica da parceira, a seleção e separação dos conteúdos e organização das aulas era feita no planejamento semanal realizado por meio da plataforma *Google Meet*.

Nós fazíamos leituras prévias sobre o assunto antes do dia do planejamento pensando em possibilidades de atividades e no dia de planejar conversamos sobre as ideias e moldamos de acordo com as necessidades de cada turma. Como, por exemplo, no 8º “C” no conteúdo sobre as Conjurações Mineira e Baiana. Cada uma ficou com um tema para discorrer e após isso foi feita a sondagem do conteúdo através de dinâmica de quiz, visto que os alunos eram mais participativos e gostavam de jogos lúdicos. Dessa forma, mesmo sendo aulas com pessoas diferentes, sempre buscamos

estar em sintonia para que os alunos entendessem os conteúdos.

Na tentativa de proporcionar uma aula mais dinâmica e participativa que aguçasse o senso crítico dos alunos foi pensando da seguinte forma: a abordagem do conteúdo no quadro através de mapas mentais ou extração dos principais pontos dos conteúdos, logo em seguida era realizada a explicação sempre buscando a participação dos alunos por meio da indagação de perguntas e retirada de dúvidas. As atividades repassadas não eram somente retiradas dos livros, buscamos também auxílio na internet, e havia ainda a correção coletiva das atividades.

Ao conhecer um pouco os alunos, notamos que algumas turmas eram muito visuais, como o caso dos 6º anos. Então quando era possível levava imagens relacionadas ao conteúdo e com a ajuda deles interpretamos e dialogamos sobre as relações estabelecidas entre conteúdo e fonte iconográfica. Um dos momentos mais enriquecedores do estágio que representa bem o “mix” de troca de conhecimento e provocação do senso crítico ocorreu na sala do 6º “A” na aula de revisão que tinha como temática: Sujeitos Históricos e Fontes Históricas.

No primeiro momento da aula foi feita a correção da atividade passada na última aula sobre os Sujeitos Históricos onde foi colocado categorias como: política, cultura, esporte, tv, religião. E os alunos teriam que buscar nomes de personalidades relacionadas a essas categorias que julgassem ser sujeitos históricos. Antes de ouvir as respostas deixei claro que todos nós somos sujeitos históricos, pois todo mundo tem uma história pode não ser de viés público, mas fazemos parte da história privada que na historiografia é de suma relevância para compreender a dicotomia das relações sociais e culturais.

Em meio as respostas um fator me incomodava, ninguém mencionava como personalidade histórica as mulheres deixando explícito que elas são esquecidas e/ou

invisibilizadas dos processos históricos. Havendo somente como protagonistas dos acontecimentos históricos os homens. De imediato comecei a questionar: Onde estavam as mulheres nessa história? Que mulher foi importante no esporte? Na tv? E assim eles foram me apresentando as personalidades femininas.

Ao passar dos dias na finalização do capítulo: Civilizações Antigas foi passada uma atividade para criar um avatar aos moldes do período histórico estudado e me impressionei com as apresentações ao ver muitas alunas optaram por criar personalidades femininas e mostrar o protagonismo frente às civilizações estudadas. Sendo assim, observa-se a importância de trazer à tona temas relacionados à História e Gênero para dentro das escolas na perspectiva de quebrar paradigmas, estereótipos e preconceitos construídos socialmente. Podendo assim, nutrir uma educação transgressora baseada na práxis da liberdade.

Ao término do estágio o sentimento que aflorava era de dever cumprido e de ter auxiliado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O *feedback* deles e do corpo docente foi positivo. Essa experiência de regência me abriu um novo horizonte de troca de conhecimentos, dialogação, afeto e reciprocidade dos alunos. E também uma autorreflexão sobre os erros e acertos vivenciados durante o estágio sendo de suma relevância para a construção da identidade profissional e prática docente.

Essa discussão vai de encontro com a ótica de Souza e Gonçalves (2012 p. 03) que diz: “Não basta apenas o aluno estagiário realizar práticas no estágio supervisionado, também é necessário momentos de reflexão dos diagnósticos e das vivências experimentadas durante o período do estágio.”

A partir dessa experiência pude observar que a profissão docente é muito mais do que o ato de “dar” aula. Devido ao fato de ter que lidar com situações e desafios

adversos como: problemas pessoais de alunos, déficit de leitura e escrita, indisciplina, cobrança por bons resultados e o desinteresse de realizar atividades somente fazendo quando é obrigatória para a nota.

Atrelado a esses fatores ainda há o ciclo de violência nas escolas fomentada pelo *bullying*. Sendo uma das minhas maiores preocupações na época do estágio, pois era o período que estava ocorrendo os massacres nas escolas brasileiras que acarretavam o pânico social na comunidade escolar e o receio dos pais e alunos. Desse modo, o maior desafio era conscientizar e mobilizar os alunos sobre a gravidade do *bullying*.

Livro didático: seu uso e suas faces

O livro didático é a fonte acessível de informações mais utilizada dentro das salas de aulas, muitas vezes sendo o mais famoso material didático escolar. Vale lembrar que materiais didáticos não se resumem ao livro em si, eles são ferramentas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem como por exemplo: pinturas, músicas, filmes, revistas, mapas, jogos.

Para Bittencourt (2008, pág. 299) o livro didático é definido como “um objeto cultural complexo de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros. Diante dessa definição proposta pela autora cabe alencar ainda que os livros carregam algumas faces como: mercantil, política e pedagógica.

A questão mercantil está ligada intimamente ao mercado editorial e a logística competitiva do capitalismo neoliberal. Nesse sentido, o livro torna-se “*mercadoria, suporte de conhecimentos escolares, suporte de métodos pedagógicos e veículo de um sistema de valores.*” (Bittencourt, 2008, pág.301-302). A face política diz respeito à mediação do estado no processo de compra e promoção de políticas públicas destinadas a esse bem público.

Já a face pedagógica é voltada para a mediação da ferramenta para aquisição de conhecimentos. Vale ressaltar que esse artefato cultural necessita ser problematizado e ressignificado em seu uso. Sobre uso dos livros Cavalcanti (2016) argumenta:

Se os livros são utilizados apenas como uma narrativa - quase sempre linear e descritiva - sobre um conjunto de acontecimentos, essa função pode ser desempenhada e encontrada em muitos suportes disponíveis na internet, por exemplo. Ou seja, se o livro é usado apenas como ferramenta para descrever um acontecimento os estudantes podem encontrar diversas outras descrições com apenas um clique. (p.276)

A partir dessa percepção delineada pelo autor, nota-se a necessidade de atrelar essa ferramenta a uma conduta crítica e investigativa na tentativa de salvaguardar os alunos dos perigos da internet como fake news, questões negacionistas e revisionistas de aspecto ideológico. Atrrelado a essa ideia ainda é necessário mencionar que muitas vezes a culpabilidade do uso demasiado do livro não deve ser exercida sob o docente, pois as estratégias para trabalhar com os livros didáticos como um aporte de investigação deveriam ser fomentadas dentro do âmbito acadêmico. Algo que não acontece, pelo menos na instituição na qual estudo. Schmidt (2011, apud Cavalcanti, 2016, p.275) complementa: “é bastante sintomático que ainda não tenhamos uma disciplina que nos cursos de formação docente que se encarregue especificamente de trabalhar esse instrumento abordando-o em suas múltiplas dimensões”. Essa lacuna na academia pode provocar carências na formação docente.

Sobre os livros didáticos em uso na escola Raimundo Bezerra Lima são da coleção Teláris do PNL D 2020 da editora Ática com vigência de 2020 até 2023. Tendo como autores Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino. Os livros apresentam uma diversidade de elementos iconográficos,

infográficos, tabelas e mapas que corroboram para leveza dos conteúdos fazendo a mesclagem entre elemento visual e textual. As atividades ofertadas pelo livro são diversificadas e ao final de cada capítulo há a auto avaliação para os alunos analisarem como está o conhecimento adquirido. No entanto, em alguns assuntos do livro sentir falta da presença de sujeitos históricos das classes subalternas que foram importantes na época e que são excluídos dos processos históricos (mulheres, pobres, povos negros e indígenas) através da disputa por narrativas e a política do silenciamento historiográfico.

Esse aspecto de silenciamento historiográfico e disputa por narrativas mostra o caráter unilateral da história composta por uma visão positivista de uma narrativa europeia, branca, masculina e heterossexual. Nessa mesma linha de raciocínio, Bittencourt (2008) argumenta:

O conhecimento produzido por ele é categórico, característica perceptível pelo discurso unitário e simplificado que reproduz, sem possibilidade de ser contestado como afirmam vários de seus críticos. Trata-se de textos que dificilmente são passíveis de contestação ou confrontos, pois expressam uma verdade de maneira bem impositiva. (Bittencourt, 2008, p.313)

A partir da reflexão tecida pela autora, observa-se que o livro didático contém em sua função pedagógica a dimensão política e ideológica que ratifica a seleção por narrativas e solidificação do saber visto como “verdade absoluta”. Que em certos momentos torna-se até difícil descolonizar o saber, devido ao fato de haver divergência entre o que está escrito no livro e o que está sendo apresentado em sala. Porém, cabe aos professores mostrarem as versões da história e o aluno compreender que dentro da escrita há jogos de interesses e que a fonte didática necessita ser problematizada e analisada em suas entrelinhas.

Experiência de estágio: entre aprendizados e transformações

Ao adentrar o ambiente escolar surgiu o receio e enumerações indagações sobre: *Como associar o conhecimento acadêmico no espaço escolar? Como explicar esse conteúdo? Como sistematizar o conteúdo para que haja compreensão?* Ao refletir sobre meus anseios e dúvidas percebi que era normal, por ser uma discente-docente iniciante em sala de aula. O escrito

Porém, esse fator não desanimou, buscava conciliar os conhecimentos acadêmicos de maneira mais simplificada e com uma linguagem mais simples criando conexões interdisciplinares com os conteúdos propostos nos livros didáticos. Ao decorrer das aulas junto aos planejamentos outro elemento teve que ser repensado e moldado, a linguagem. Sendo que agora teria que me adequar a linguagem do público alvo para ocorrer a compreensão e a troca de saberes.

O maior choque de realidade foi ao me deparar com disparidade e distanciamento dos conteúdos da educação básica e do ensino superior, pois na academia os conteúdos costumam ter uma carga mais teórica e as discussões são mais aprofundadas justamente porque os conteúdos tendem a se adequar ao público em formação superior. Já para o público da Educação Básica que está sendo preparado para a próxima etapa de formação, o ensino médio, onde há uma formação pautada no desenvolvimento de habilidades e competências.

Segundo Carrano (2008, p. 205) “as escolas esperam alunos e o que lhe chega são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiência de vivência do mundo.” Nesse sentido, a escola é um universo de diversidade cultural e social carregada de percepções de mundo e desafios. Tornando o docente, um profissional polivalente que faz muito mais além de ministrar aulas.

Durante o estágio, acompanhei cinco turmas da escola do 6º ao 8º. A cada

turma que entrava era um mundo diferente rodeado de olhares curiosos. Alunos variados, alguns tímidos, outros extremamente carinhosos e outros espontâneos. Todos imersos em um clima de muita agitação, entusiasmo e ousadia. Ao longo da convivência com o corpo discente fui descobrindo o perfil de cada turma e a metodologia que melhor se adequava a cada uma.

Vale lembrar que cada turma tem sua singularidade e dinamismo, pois estamos lidando com seres humanos diversificados e principalmente, inacabados (Freire, 2022). Assim, para ocorrer o processo de construção do conhecimento foi necessário se adaptar e conhecer o público alvo.

A experiência foi muito importante para rever conceitos, vivenciar a rotina e o espaço escolar. Tais vivências propiciaram a ratificação de minha escolha profissional e a constituição da identidade docente. Durante minha atuação percebi o acolhimento e confiabilidade do corpo docente e da coordenação pedagógica em me inserir no âmbito escolar. A convivência era pacífica e tranquila, não houve conflitos.

A relação com alunos era moldada de acordo com as situações, contendo momentos de mais distração e brincadeiras e outros de “falar mais sério”. Foi nessa relação de educador-educando e sala de aula que descobri que o professor sempre está em constante transformação e a aula se molda de acordo com as circunstâncias. Nesse sentido, Karnal (2012, p.17) elucida:

Do ponto de vista prático, uma boa aula é um cruzamento de quatro linhas de força. A primeira diz respeito a você. A segunda é o conteúdo em si. A terceira está nas condições externas (ambiente, barulho externo, iluminação, calor, conforto da sala etc.) A quarta e mais importante diz respeito aos alunos.

Por meio desse trecho podemos ver que para o processo da “aula” acontecer envolve inúmeras coisas e não apenas o docente como figura detentora do

conhecimento e os estudantes meros receptores, muito pelo contrário, essa dinâmica envolve os alunos também e para além disso, um ambiente de trabalho com condições favoráveis.

Karnal (2012) lança um olhar especial para as experiências relacionadas às aulas no que tange as táticas dos acertos e erros, comentando:

Aula é assim: um exercício artesanal. Não há nada que garanta com segurança absoluta o sucesso de uma aula. Mas, pouco a pouco, errando bastante e sempre tentando acertar, decepcionando-se e reentrando no jogo é que você vai construindo sua história de professor. Essa história será tecida a partir de um jogo acidentado de erros e acertos. (p. 24).

Dessa forma, observa-se a partir da discussão lançada por tal autor que um dos elementos primordiais da aula é a presença dos alunos e que independentemente do tempo de carreira docente a aula sempre vai ter um elemento surpresa não previsto no ato do planejamento que culmina para o cruzamento das linhas de força na práxis pedagógica.

Considerações finais

O artigo teve como intuito compreender o papel do estágio na formação do docente em história com um olhar direcionado para questões relacionadas aos livros didáticos e as metodologias trabalhadas em sala de aula.

Fica evidente, portanto, a relevância do docente em história na contemporaneidade, visto que mediante uma sociedade marcada pelo discursos de ódio, propagação de fake news, desigualdades sociais, onda crescente de negacionistas e a febre em busca pelo conhecimento instantâneo nas plataformas digitais como vídeos no Youtube sobre “A História do Brasil em 5 minutos”. Nessa perspectiva é necessário um olhar crítico para o livro

didático e para os conteúdos abordados nas mídias digitais.

Diante dessa experiência de estágio de regência escolar levo uma imensa bagagem de aprendizado sobre prática docente, meio escolar e mecanismos do sistema educacional. E agora compreendo nitidamente que a profissão docente é desafiadora e árdua, necessitando de muita persistência, paciência e resiliência para conduzir com leveza a sala de aula.

Mesmo cada discente chegando no âmbito escolar com suas abordagens e a maioria das vezes com a ideia impregnada na cabeça que não gostam da disciplina de História cabe ao docente procurar estratégias e métodos criativos despertando nos alunos um interesse e gosto pela disciplina ao passo que ajuda na formação de um cidadão crítico-reflexivo diante de uma sociedade munida de preconceitos e estereótipos. Mesmo com tantos desafios e choques de realidade, cada vez mais cresce a vontade de me tornar professora.

Referências

ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de. O plano de ensino: ponte entre o ideal e o real. In: LIMA, Maria Socorro Lucena; SILVA, Silvana Pimentel; ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de (Org.). **Dialogando com a escola**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 53-61 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRAGA, D. T .C; SCHNEIDER. E. C. Estágio nos anos iniciais: vivências e aprendizados. **Revista e Ped.** – FACOS/CNEC Osório v. .2. n. 1. AGO/2012 – ISSN2237-7077. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/estagio_nos_anos_iniciais_-_vivencias_e_aprendizados.pdf> acesso: 21 de junho 2023.

CAVALCANTI Erinaldo. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, p. 262-284 – 2016. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/219/183> . Acesso: 01 de junho de 2022.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, V1. p.182-211.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O educador: Qual o seu papel na contemporaneidade? In: D'ÁVILA, Cristina Maria. **Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo**. 2ed.-Curitiba, PR: CRV, 2013. 148p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017. 312p.

RÜSEN. Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; Barca,

Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. M. S.. **Entrevista concedida à CAMINE – Caminho da Educação** – Unesp, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9c9OjMzj18>. Acesso em: 10 de Junho de 2023.